

e-books

NÚCLEO DE FORMAÇÃO



Filosofia
Política 5



0.1 Introdução

Nesta aula vamos trabalhar o modo como a **Filosofia Política da Antiguidade – as concepções a respeito da Ordem política em Platão e Aristóteles – entraram no Ocidente, como foram absorvidas no âmbito interno da Teologia Cristã** e de que modo esta conferiu à Filosofia Política dos gregos um tratamento mais conexo às noções teológicas, base a partir da qual toda a Teologia Cristã – principalmente a Católica – se desenvolve nos primeiros séculos, que é exatamente a **relação entre a Fé e a Razão**.

A aula será dividida em três partes. Na primeira, teremos um apanhado das condições teológicas dos primeiros padres da Igreja – como se deu, desenvolveu, quais os nomes de alguns padres da igreja que lidaram com a tensão entre as Ordens política e espiritual. Na segunda parte, aprofundaremos a noção agostiniana de Cidade dos Homens e Cidade de Deus, através de uma retrospectiva da teologia de Santo Agostinho na Política e da História. Na última parte (que será vista na aula 6), como isso foi desenvolvido no contexto da Escolástica, a partir das noções trazidas por Alberto Magno e São Tomás de Aquino.

1.0 Os primeiros padres da Igreja

Desde os primeiros tempos do Cristianismo, ou seja, desde o Querigma e da Paixão de Cristo e de todo o trabalho apostólico feito posteriormente pelos discípulos de Cristo – em particular, a partir das missões do Apóstolo Paulo de Tarso sobre a bacia da civilização ática até atingir os confins da região –, em outras palavras, desde a expansão missionária e apostólica dos primeiros tempos do Cristianismo, **a Teologia Cristã se desenvolve com base nos livros inspirados – que compõem a Bíblia. E, ao absorvê-los, ela criou uma hermenêutica, isto é, um conjunto de interpretações desses livros. Essa**

Hermenêutica Teológica tinha em vista, pelos menos, duas direções muito claras:

- 1- **aquela que tinha – segundo uma matriz mais platônica do que aristotélica – uma versão teológica que colocava todo o sentido da interpretação dos textos inspirados numa coroação ascética e mística.** Ou seja, uma linha dos padres da Igreja tinha em vista o desenvolvimento de uma teologia ascética e mística que dependia de uma estética padrão epoptica – uma concepção estética por trás da iconografia que levaria a alma a uma dimensão de contemplação de Deus. Um teólogo característico dessas noções era **São Clemente de Alexandria**. Ele traz, no bojo da sua Teologia, uma filosofia subjacente: **essa noção ascética e mística tentará traçar um plano teológico de fundamentação segundo o qual a ascética e a mística – plano de contemplação do divino – se harmonizam com as potências naturais do ser humano.** É a unidade entre o epoptico e o histórico-visível.
- 2- Se, de um lado, temos a tendência ascética e mística, há, todavia, uma outra – também muito forte e presente nos primeiros tempos de Cristianismo – que verga o desenvolvimento da Hermenêutica Teológica para uma noção mais natural, histórica e existencial. **A conquista das Virtudes, os hábitos humanos, as instituições sacramentais e a doutrina visível da Graça invisível aparecem de uma maneira mais forte nessa segunda linha hermenêutica que predominou nos primeiros tempos, desenvolvida pelos pensadores Tertuliano, ou Marcus Minucius Felix.**

Essas duas linhas terão desenvolvimentos e repercussões que, embora não sejam contraditórias, **possuem direções hermenêuticas**

distintas. A primeira resultará no que hoje chamamos de Patrística Grega, e a outra na Patrística Latina. A Patrística Grega foi fundamental para o desenvolvimento da ascese, espiritualidade monástica e espiritualidade do deserto – os padres do deserto beberam, em ampla medida, dessas técnicas de contemplação espiritual – tais os padres capadócijs: São Gregório de Níssa, São Gregório de Nazianzo, São Basílio de Cesareia.

Tratado Prático de Evágrio Pôntico, pode-se encontrar uma dimensão teológica que alinhava as potências naturais com as espirituais. A atividade contemplativa e monástica se reflete nos hábitos e modos de vida que trazem as noções Piedade e Purificação interior. À medida que o indivíduo vai lutando contra as paixões interiores, vai purificando o seu ser e, ao purifica-lo, cria certos hábitos que preparam a parte passível da alma para a parte ativa da alma, que é a parte intelectual – fundamental para a vida contemplativa.

O que sempre foi muito presente entre os padres da Igreja é a harmonia entre o Natural e o Espiritual como uma condição para o acesso ao mundo do espírito.

Outro ponto que merece atenção: os padres da igreja, de linha grega e latina, lidavam com noção epoptica do reino de Deus, isto é, a diferença entre a contemplação de Deus e a visão de Deus. A dimensão epoptica do intelecto e da consciência nos leva à contemplação de Deus, tomando-se por base os elementos da Razão natural – esta seria a “amiga” da Fé, pois contemplar o reino de Deus é contemplar algo de dimensão visível fundamental para essa trajetória rumo ao invisível. Antes de contemplar a Deus, é necessário vencer a purificação interior – purificação das paixões – e a Ética das Virtudes – a razão prática, para, depois, transcender a Realidade. **A contemplação de Deus parte de um**

primeiro princípio: precisamos purificar o nosso interior para termos uma noção do Reino de Deus no Tempo e na História.

A dimensão eoptica – da contemplação do reino de Deus – é muito diferente da visão de Deus, porque na contemplação não vemos a Deus, inteligimos segundo condições visíveis certos elementos da graça invisível – por exemplo, a Doutrina dos Sinais. No ato de contemplar o reino de Deus, contemplamos certas propriedades do seu reino que são histórica-temporais.

No interior da Patrística, então, as duas linhas hermenêuticas convergem por serem uma condição para a outra.

Sacramentos: a tradição católica, desde os primeiros tempos, consagrou a tese segundo a qual o sinal visível é uma condição para a Graça invisível. Assim como a Igreja visível é a porta para a Eternidade da comunhão dos santos – que é a Igreja invisível –, os sacramentos são sinais visíveis de uma Graça invisível, de modo que a contemplação da Graça invisível supõe a contemplação dos sacramentos – de signos visíveis.

Nesses primeiros tempos dos padres da Igreja, havia algumas linhas sectárias – por exemplo, comunidades gnósticas – que se desenvolveram para tomar a dimensão eoptica própria da contemplação de Deus como se fosse uma via de acesso à visão de Deus. Chamamos isso de Tradição Gnóstica. Os gnósticos partem da tese de que, pela sua própria atividade intelectual, são capazes de ver a Deus. No fundo dessa doutrina da visão de Deus existe uma metafísica subjacente que traz a afirmação de que “se eu sou capaz de ver a Deus, eu sou capaz de ver a Verdade, e eu posso abdicar de todas as lições que vieram antes de mim ou que estão comigo para me empreender num projeto de auto visão de mim mesmo”.

Dentro da tradição apostólica dos primeiros padres da Igreja, desenvolveu-se uma cultura apologética que, para a defesa dos

preambulafidem, fizesse uma frente às comunidades gnósticas que atingiam um número considerável de fiéis. Nesta época, inclusive, foi escrito o livro *Adversus Haereses – Contra as Heresias* – de São Irineu de Lyon, em que são apresentadas as linhas de ruptura das comunidades gnósticas com a doutrina dos *preambulafidem*.

A igreja católica sofreu muito junto ao Arianismo. A Doutrina de Ario afirmava que Cristo era a essência intermediária entre a divindade e a humanidade, assim negando o seu caráter divino e desacreditando a ideia de Santíssima Trindade.

Como a Ordem Política foi tratada dentro disso? São Justino de Roma é um dos primeiros padres da Igreja a falar da distinção existente entre Autoridade Espiritual e o Poder Temporal. **Do ponto de vista teológico, há tendência de ver a Ordem política subordinada a Ordem espiritual** – a Ordem política existe para transformar os seres humanos em santos para, na vida após a morte, atingir o estado de beatitude. **Numa área da Teologia conhecida por Soteriologia – o estudo da salvação humana –, a Ordem política é vista por alusão ao mundo espiritual – caminho de salvação ou condenação na vida eterna. São Justino de Roma, então, traz a tese segundo a qual a Ordem política tem uma constituição e uma causa final própria dela. A Ordem política exige uma autonomia relativa frente à Ordem espiritual, porque nela três questões são consideradas: a necessidade, a liberdade e a Lei. A Lei é o instrumento que harmoniza a necessidade e a liberdade.**

Nas cartas de Tertuliano também temos algumas aceções à autonomia da Ordem temporal relativamente a Espiritual. **De todos os padres da igreja, no entanto, aquele que teria coroado essas duas linhas hermenêuticas da patrística, e que deu um tratamento mais rigoroso e específico para a Ciência Política, e ofereceu uma crítica devastadora às tradições gnósticas, foi Santo Agostinho de Hipona.**

2.0 Santo Agostinho

Santo Agostinho unifica as duas hermenêuticas teológicas, sendo uma síntese de ambas as patrísticas – grega e latina –, pois **a hermenêutica ascética-mística e a hermenêutica sacramental ganham uma unidade constitutiva**. Nele também encontramos **a ideia de Autonomia da Ordem civil considerada para fins teológicos. A Cidade dos Homens e a Cidade de Deus possuem entre si uma separação considerável** se comparado aos primeiros padres da Igreja. No interior dessa metodologia filosófica-política, **ainda apresenta uma forte crítica à tradição gnóstica**, pois existe uma cristalização das condições epistemológicas da Teologia e da Teologia natural, onde se insere a Ciência Política – ou seja, um recorte entre Teologia e Tradição Gnóstica, entre a tradição da contemplação de Deus e a da visão de Deus.

2.1 Cinco aspectos

Existem cinco aspectos a se pensar em Santo Agostinho:

- 1- **Dimensão Confessional e Biográfica**: como o ser humano se interpreta e é interpretado por Deus. Toda a visão agostiniana da penitência supõe um diálogo interior entre um eu que vive, um eu que observa a vida e um segundo observador que é aquele que narra dentro de mim a minha própria vida de acordo com um sentido. Ou seja, **o modo como a sua vida dialética e tensionalmente se colocou histórica e existencialmente, através do método da *Anamnesis*, “mergulho profundo para dentro de si mesmo” e uma reconstituição memorativa da própria vida**. Santo Agostinho propõe um método para isso que começa no presente para se dirigir ao passado e tem como horizonte o futuro. Vai sendo traçado um plano de investigação

em que a área a ser sondada é a própria memória. Na tese sobre a Penitência, um plano confessional para a própria vida supõe um diálogo interior que eu traço comigo mesmo. O eu presente tem, em relação ao eu biográfico, uma âncora de onde se extrai um sentido de vida – “a direção dos meus atos e vida supõe uma relação do eu comigo mesmo”. **Esse método do mergulho tem o sentido de sondar, através dos sinais históricos da própria biografia do eu, propriedades intangíveis e espirituais que conformam o eu desde uma perspectiva que vai se manifestando e revelando à medida que a memória vai sendo aberta e vai surgindo um eu profundo que não é imediatamente visível.** Aqui supera-se a Ciência para adquirir a Consciência. Na medida que constato que minha alma é formada por certas potências – a Memória, o Intelecto e a Vontade –, dou conta que essas potências supõem um outro que as capacite, aquilo que está atrás e abre a memória. “O modo que me conheço exige um mapeamento das minhas paixões, as condições do meu interior, para que, somente depois, de um diálogo profundo comigo mesmo, eu possa estabelecer um diálogo com o Ser Onisciente, Onipotente e Onipresente que abre a minha memória para mim mesmo”. É uma atividade confessional e condição para o sentido de vida que se abraça e apoiado numa Antropologia, numa convicção do que “eu sou”.

- 2- **Dimensão Antropológica:** o que é o ser humano? “Eu me dou conta de que tenho uma existência histórica, de que sou algo na História, que tenho existência, mas à medida que a Razão começa a postular as causas subjacentes a esse modo de existência, surgem pontos de interrogação: o que eu sou, para que eu sou, por que fui forjado, qual o destino da minha existência? Essas perguntas levam a constatar que existe um mistério a respeito do

que sou e para que sou. E esse mistério que habita em mim vai se manifestando à medida que travo um diálogo comigo mesmo a respeito da minha biografia, canal de acesso à memória, onde residem as chaves para as respostas dessas perguntas. Enquanto vou respondendo, vou observando que existe um mistério que habita em mim, de modo que esse mistério se apresenta de três maneiras: a Vontade, o Intelecto e a Memória – as potências da alma”. **Santo Agostinho conecta uma Antropologia com uma base teológica subjacente, desenvolvido no livro *Trindade*, em que Deus é trino e que há uma projeção da trindade em nós. O Pai representa a Existência Eterna, o Filho é a Inteligência Eterna e o Espírito Santo representa o Amor de Deus, o vínculo. E, em nós são, respectivamente: a Memória, a Inteligência e a Vontade.** A Vontade é o vínculo entre o Intelecto e a Memória, a beleza de uma Memória está no diálogo entre o Bem e a Verdade quando entro em diálogo comigo mesmo e, portanto, com o próprio Deus – **a vida de um santo é uma vida em confissão, todo o lastro memorativo supõe um diálogo permanente entre o próprio ser humano e o ser onisciente que participa nele.** Da mesma maneira que os seres humanos dialogam com Deus, na estrutura da História e do Tempo, os seres humanos entram em sintonia com aquilo que é meta-histórico e eterno e fora do Tempo. Assim como existe a conexão da História com a Eternidade, **só há sentido quando, do ponto de vista concreto, o sentido dos seres humanos converge com o sentido da História e o do Tempo.** “Quando nós prestamos atenção ao Tempo, nós perdemos de vida o que o Tempo representa. Mas quando nós não prestamos atenção no Tempo, nós conseguimos viver o significado do Tempo” (Santo Agostinho)

3- Qual a Teologia Política de Santo Agostinho? Existe a Cidade de Deus, lugar de perfeição – *polis* ideal –, e um princípio importante que a constitui: Amor. Na Cidade dos Homens, em razão do Pecado Original, existe uma desordem que supõe um contraste que atravessa a História e, ao mesmo tempo, apresenta os mecanismos sacrificiais através dos quais os seres humanos alcançaram a cidade celeste. Na Cidade Histórica, a cidade de Abel contrasta com a de Caim, o Amor convive com o Ódio, o Bem convive com a ausência do Bem, a Verdade convive com a Mentira, o Bem-Comum convive com a Corrupção. Na Cidade dos Homens há uma luta entre o auto interesse e a Piedade, entre o Vício e a Virtude, a Justiça e a Injustiça, a Prudência com os Vícios Intelectuais e Práticos. O contraste entre Vícios e Virtudes existe porque o Pecado Original deteriorou as condições memorativas dos seres humanos em geral – eles se esqueceram do Bem originário na sua constituição, da *Imago-Dei*, essa semelhança com Deus pressupõe um evolucramento com Deus através de sinais visíveis, os Sacramentos, para que o ser humano deixe de ser criatura para ser filho de Deus. Na Cidade dos Homens, nem todos abraçam a Deus e alguns O abandonam, porque o Pecado Original faz com que a busca tenha certos empecilhos. O fundamental é que as instituições políticas possam expressar os ideais e os princípios constitutivos do Amor que sustentam a Cidade de Deus. Quanto maior for o grau analógico de expressão entre ambas as Cidades, mais semelhante será a Cidade dos Homens à de Deus, e mais os governantes serão convidados a governarem a cidade segundo o princípio do Amor. A Justiça é fundamental para a Cidade dos Homens, mas a Misericórdia a suplanta, pois ela permite a conexão entre os fins da cidade terrena com os fins da cidade sobrenatural. Na Cidade dos

Homens, a linha da Cidade de Abel fornece subsídios para a beatitude, para que os Homens possam perseguir uma razão de fim que transcenda eles historicamente.

Antes do Pecado Original já existia Ordem política, porque ela é fundamental por ser própria e incita da natureza humana segundo uma razão de Bem. Mesmo que fossem perfeitos, teriam a necessidade de uma Ordem política para organizarem a sociedade visando um Bem-comum. Depois da Queda de Adão, a Ordem política teve que criar outros instrumentos para que pudesse fortalecer as Instituições, o que seriam as Leis e os Mandamentos. Vide o *Deuteronômio*, um dos livros do *Pentateuco*, que significa Segunda Lei, isto é, a lei seguinte a primeira que é estabelecida na Criação, quando enxerga o ser humano como um ser político e social.

4- Qual a **Teologia da História**? Na Teologia de Santo Agostinho, a História é vista por acepção à Eternidade. O sentido da vida é visto por acepção à salvação, o sentido do Tempo é visto por acepção ao que é atemporal e simultâneo, e o sentido da História é visto por acepção ao que é a meta-história. **Santo Agostinho divide a História em três idades: Idade do Pai – da Lei, do povo eleito de Deus, dos Mandamentos –, Idade do Filho – “o Verbo se fez carne e habitou entre nós” – Idade do Espírito Santo – idade da Graça que é dada aos seres humanos por meio de uma igreja visível, portadora da Doutrina dos Sacramentos, e há uma abertura em relação às anteriores** – ela tem duas acepções: a acepção individual de cada ser humano que conquista ou perde a salvação, e o juízo Universal em que toda a humanidade será julgada na Parousia, quando houver a segunda vinda de Cristo. Assim, a Escatologia, essa dimensão meta-histórica que conforma o sentido histórico das vidas humanas, terá a sua confirmação e

termo quando Cristo retornar. Dessa maneira, **o sentido da História e do Tempo e da vida humana são jogados para fora da História e do Tempo e da vida humana – a idade do Espírito Santo joga os sentidos para a Eternidade.** Os seres humanos vão atravessando as três Idades na sua vida – por exemplo, a Educação começa na Lei, para daí a Graça e à Liberdade. Nota-se que a todo momento Santo Agostinho está usando uma exegese bíblica para dizer essas coisas. **Joaquim de Flora interpreta a teologia da História e da escatologia de Santo Agostinho da seguinte maneira: a Idade do Espírito Santo tem o seu termo consumativo na própria História. Como Cristo vai voltar pela segunda vez, a Cidade de Deus desce à Cidade de dos Homens. Essa visão joaquiniana cria um dilema: se o sentido da História está na própria História, e o do Tempo e da vida humana também estão nos próprios sentidos, isso significa que se pode atingir um grau de perfeição aqui e agora e, ao fazê-lo, pode-se ter a contemplação e a visão de Deus. Aqui há o encontro da tradição gnóstica e da Filosofia Política – até então, a tradição gnóstica estava delimitada ao âmbito teológico e filosófico das escolas ascéticas e místicas – ao assumir que a visão de Deus é possível aos seres humanos historicamente e que o sentido da História e do Tempo se consuma no sentido da vida humana dentro da História, e o modelo ideal que leva a chegar lá é a Ordem política – mais tarde, esse princípio resultará no conceito de Apocalipse Político ou de Formação e Fundação do Estado Moderno como unidade moderna de organização do poder político.**

5- A forma como ele leu **Platão** para a construção das suas análises.